

A INFLUÊNCIA DOS PAIS NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS

FATHER'S INFLUENCE ON CHILDREN'S LEARNING

Alice Assis*
Vagner Alves de Luca**

Resumo

Atualmente são vários os aspectos levados em consideração quando se tenta explicar as causas do fracasso escolar. Este trabalho enfoca a influência da família no processo de aprendizagem das crianças, abordando algumas das possíveis causas de dificuldades de aprendizagem primárias. Dentre essas se destacam o modelo de família da atual sociedade, o papel da família na formação da personalidade e a indisciplina como possível reflexo da relação familiar. Os resultados desta pesquisa bibliográfica sugerem que, a maneira pela qual os pais criam seus filhos pode influenciar na formação da personalidade, o que pode refletir na dificuldade de aprendizagem por parte do aluno. Essa dificuldade, muito freqüentemente, somente pode ser percebida na escola, culminando em indisciplina e baixo rendimento escolar. Embora exista um grande número de variáveis envolvidas no desenvolvimento das dificuldades de aprendizagem, verifica-se que o estreitamento da relação entre família e escola pode ser um facilitador do diagnóstico e tratamento dos fatores responsáveis por essas dificuldades, que correspondem a uma das causas do chamado fracasso escolar.

Palavras-chave: família, personalidade, dificuldades de aprendizagem, fracasso escolar.

Abstract

Currently, there are many aspects to be considered when it's tried to explain the causes of the scholar failure. The focus of this work is the influence from family on the process of children's learning, showing some possible causes of difficulties of primary learning. Some of these, detaches family model of current society, the familiar performance in the personality development and the indiscipline, as a possible familiar relationship reflects. The results from this research bibliographic suggest the way which parents bring up their children, it can influence on personality development, what is able to have an effect on student's learning difficulty. This difficulty, very often, just can be noted at the school, leading to the critical point of indiscipline e and low developments at school. Although, there are a great number of involved facts in the development of the learning difficulties, is verified that training of relation between family and school can become easy the analysis and treatment of the responsible factors for this difficulties, that correspond to one of the causes of failure scholar.

Key words: Family, personality, difficulties of learning, failure scholar.

INTRODUÇÃO

Freqüentemente nos deparamos com crianças que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, seja nas escolas ou na nossa comunidade. Muitas vezes os professores procuram explicar o fracasso escolar de certos alunos como reflexo de suas relações com as famílias. Em contrapartida alguns pais e familiares estão cada vez mais certos de que o ambiente escolar irá formar

seus filhos como cidadãos, dividindo ou transferindo toda a responsabilidade da educação para os professores, responsabilizando-os pelos problemas apresentados pelas crianças.

Nesse contexto, crianças que demonstram alguma dificuldade de aprendizagem, do ponto de vista dos professores, são consideradas "alunos problema", indivíduos que padecem de supostos distúrbios psico/pedagógicos, de natureza cognitiva (aprendizagem) ou comportamental Aquino (1998).

* Doutor em Educação para a Ciência/Unesp; Docente do Departamento de Física e Química da Faculdade de Engenharia – Universidade Estadual Paulista (Unesp).

* * Licenciado em Física – Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Estudantes que apresentam dificuldades frente às atividades propostas em sala ou que são indisciplinados, muitas vezes não recebem o tratamento adequado. Fatores como a personalidade, o ambiente social e a afetividade são deixados de lado. Dessa forma, a família ou o próprio aluno podem ser responsabilizados pelo fracasso escolar, o que ocorre, por vezes, sem se ter analisado devidamente os vários aspectos relativos ao processo de ensino-aprendizagem.

A “deterioração da relação entre educadores e crianças e particularmente ao enfraquecimento da autoridade dos pais e docentes” pode levar ao fracasso escolar. Esse problema pode ser decorrente de fatores como: a “situação difícil dos pais”; o comportamento inadequado dos pais, não colocando limites aos filhos ou considerando-os como “iguais, como adultos”. Esses dois fatores podem afetar o desenvolvimento da criança, quer levando-os a não aceitar “frustrações”, tornando-se “insuportáveis”, quer perdendo a sua “despreocupação”, ao serem “levados a sustentar seus pais na dificuldade” Montandon (2005, p.487).

Assim, neste trabalho, investigamos, por meio de pesquisa bibliográfica, a influência da família no desenvolvimento de dificuldades de aprendizagem e como se pode reduzir tal interferência. A família foi escolhida como elemento central da pesquisa, pois:

- reflete os problemas da sociedade, bem como a presença ou ausência de valores nos diversos contextos humanos;
- é o espelho da criança nos primeiros anos de vida antes de entrar na escola;
- é o primeiro grupo social que as crianças têm contato;
- pode propiciar, por meio do ambiente físico e social, as condições necessárias ao desenvolvimento da personalidade da criança.

A FAMÍLIA E A APRENDIZAGEM

Antes de desenvolver qualquer estudo relativo aos processos que envolvem aprendizagem, é indispensável analisar as várias definições existentes na literatura a respeito, pois o conceito de aprendizagem mostra-se bastante amplo. É comum ouvirmos pessoas restringirem aprendizagem apenas aos processos que ocorrem nas escolas, mas como poderemos verificar, o tema é bastante abrangente.

Para Mehlecke (2000), a aprendizagem pode ser considerada como um processo em que o homem toma posse do conhecimento desenvolvido pela sociedade, de maneira que em qualquer lugar pode se dar um processo ativo de modo a produzir transformações no indivíduo. Comenta que a aprendizagem, para o behaviorismo, é entendida como uma diferenciação nas atitudes causadas pelo agente que ensina, pelo correto uso dos estímulos reforçadores sobre quem aprende. Em contrapartida cita que, conforme os estudos de Piaget, o conceito de aprendizagem envolve uma atividade inteligente, por meio de descoberta ou invenção, de modo que os interesses próprios das crianças podem causar um desequilíbrio podendo ser uma fonte de motivação.

Moura e Moretti (2003) apresentam a aprendizagem como um fenômeno social que se desenvolve nas atividades que envolvem pessoas em trocas simbólicas, de forma que o meio social em que a criança vive constitui a base do seu desenvolvimento conceitual.

Também para Vygotsky (2000) o ser humano não pode ser entendido sem referência ao meio social, destacando que o processo de aprendizagem é anterior ao processo de escolarização das crianças. Desde o início de sua vida, por meio das diversas interações (com a mãe, familiares e colegas), a criança se desenvolve, aprendendo sobre as coisas e o mundo em que vive. Denomina essa forma de pensamento, marcada pelas experiências e vivências imediatas mediadas pela palavra, de conceitos cotidianos.

Tomando por base esse enfoque, considera-se o meio social e o ambiente onde o indivíduo está inserido determinantes quando o assunto em pauta é a aprendizagem. Conseqüentemente a relação familiar deve estar diretamente ligada a esse processo, já que a família, constituída por pai, mãe e filhos, ainda é considerada a menor unidade social, ou seja, a primeira vivência da criança em sociedade.

Normalmente observamos crianças que enfrentam algum tipo de dificuldade, não conseguindo acompanhar o ritmo de aprendizagem de outras da mesma idade. Entretanto, é comum os pais somente observarem que seu filho enfrenta alguma dificuldade de aprendizagem quando ocorre o insucesso escolar Santo (2007). Sendo assim, é importante pesquisar as causas e os diagnósticos dos problemas apresentados.

As dificuldades de aprendizagem podem ser divididas em primárias e secundárias. Segundo

Santo (2007), as causas das dificuldades primárias exigem um diagnóstico aprofundado, podendo ser de ordem social, emocional, neurológica e/ou pedagógica, não sendo decorrentes de causas orgânicas específicas. Nesse caso, a criança não apresenta deficiências físicas ou mentais. Já as dificuldades secundárias estão relacionadas a quadros clínicos de deficiência física e/ou mental.

Ciasca (2003) considera as dificuldades de aprendizagem como sendo também divididas em duas vertentes: a dificuldade escolar (DE), em que a criança não aprende por problemas pedagógicos, adaptação à escola ou quaisquer outros problemas semelhantes, enquanto os distúrbios de aprendizagem (DA) são vistos como uma falha no sistema nervoso central, ou seja, um problema neurológico associado à falha de aquisição ou processamento das informações.

Para Orsi (2003), as dificuldades escolares podem ser decorrentes de um “mal estar” de se viver em uma sociedade veloz e instantânea que, diariamente, cobra uma homogeneização, excluindo aqueles que não acompanham o seu ritmo e suas determinações. Tais aspectos geram nas crianças de baixo rendimento escolar uma sensação de incapacidade podendo levar à sobrecarga e a mudanças de personalidade.

Frente aos aspectos citados, percebemos que as dificuldades de aprendizagem podem se apresentar de diferentes maneiras, possuindo inúmeras causas.

Sendo a aprendizagem um fenômeno social, anterior ao processo de escolarização Vygotsky (2000), buscamos investigar a influência da família na aprendizagem da criança, analisando a estrutura da família na sociedade atual.

Orsi (2003) afirma que as mudanças na estrutura social interferem diretamente nos processos de desenvolvimento do indivíduo, bem como na sua aprendizagem. Considera ainda que tais processos são predeterminados pelo sistema capitalista e pela ciência que define o tipo ideal de pai, mãe, filhos, alunos e escola que a sociedade de consumo necessita.

Os componentes da família estão sujeitos a “pressões” da sociedade que podem repercutir na relação entre seus membros. Santo (2007) destaca que, na sociedade competitiva, o homem não é mais a figura principal da família, muitas vezes não conseguindo sequer alimentar seus filhos. Muitas vezes, esse mesmo homem enfrenta problemas como depressão e alcoolismo culminando na violência, no intuito de se impor frente à mulher e aos filhos.

Dentre os fatores que modificaram o cotidiano da família, influenciando na sua organização e, como consequência, afetando a visão que se tem:

[...] estão a presença da televisão, o acesso à escolaridade (especialmente no caso da mulher), o surgimento dos movimentos feministas, a mudança dos papéis sexuais, a modernização do discurso da igreja católica, a supervalorização do consumo, a psicologização das relações familiares e – devido ao ingresso da mulher na força de trabalho e como provedora do lar – a substituição dos cuidados maternos com os filhos pelas instituições como as creches, e escolinhas (TRANCREDI e REALI, 1999, p.2).

A cada dia cresce o número de mulheres que ingressam no mercado de trabalho. Nesse sentido:

Se por um lado as conquistas no âmbito do trabalho promoveram uma maior inserção da mulher em diferentes segmentos da sociedade, por outro, essa mesma conquista roubou a possibilidade de controle de seu tempo, sobretudo no que se refere à dedicação aos filhos e ao desempenho da função educativa dentro da família (ORSI, 2003, p.2).

Mesmo após essas mudanças na estrutura familiar, segundo Carvalho (2004), os professores ainda esperam que os pais (geralmente a mãe) arranjam tempo para monitorar seus filhos quanto às tarefas de casa e outras necessidades escolares, como materiais para projetos ou assistência para trabalhos em grupo aos finais de semana. Essas tarefas, na visão dos professores, supostamente não interferem no cotidiano dos pais. As condições citadas apontam para um modelo familiar que não condiz com a realidade da maioria das famílias da classe pobre.

Essas considerações nos remetem à percepção de que não há mais um modelo de família como em tempos remotos em que tínhamos: o pai, responsável por trabalhar e trazer para casa o dinheiro necessário à compra de alimentos e bens que constituem as condições básicas de toda a vida social, e a mãe, responsável por cuidar da casa e de itens relacionados à afetividade e à escola como, por exemplo, a sua presença em

reuniões e acompanhamento das tarefas de casa dos alunos.

Falar sobre a família atual exige, de início, que se registre não existir um “modelo” de família, e sim uma diversidade de modelos familiares singulares, com identidades próprias, mas que mantêm entre si inúmeros traços em comum, uma vez que cada família consiste num agrupamento de pessoas unidas por laços consangüíneos, com uma história característica, que propicia a vivência das mais diversas situações e tem a responsabilidade básica de proteger seus membros e prover-lhes a subsistência. O que não é garantia de que realmente atue nesse sentido (SANTO, 2007).

Devido à necessidade de o homem e a mulher trabalharem para ajudar no orçamento da casa, a atenção dispensada com a educação e com o afeto para com seus filhos é obrigatoriamente reduzida. Segundo Orsi (2003), quanto menor o tempo disponível para os filhos, mais os pais necessitam do auxílio de outros recursos, como a escola, para auxiliar na função de educar e dividem com essa tal responsabilidade. Entretanto:

Se, por necessidade de sobrevivência, muitas famílias vêm deixando de perceber o papel da escola como agência transmissora de conhecimentos sistematizados e têm imputando a ela a tarefa mais ampla de educar para a vida, a escola tem tido dificuldade em aceitar essas novas atribuições oriundas das mudanças sociais e familiares e de incorporar as novas demandas no desenvolvimento de seu trabalho, embora esse processo não seja tão recente (TRANCREDI e REALI, 1999, p.3).

No entanto, embora essas dificuldades, a fim de se propiciar um melhor rendimento dos alunos na escola, é necessário, na medida do possível, o tratamento individualizado das crianças, levando-se em consideração o contexto familiar.

A FAMÍLIA E A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

A contínua transformação da sociedade atual e seus impactos na estrutura familiar exigem

sempre novos estudos e reflexões, pois, como conseqüência, o processo de aprendizagem e a formação da personalidade das crianças também são influenciados por essas mudanças.

Com relação às características da personalidade:

Em psicologia costuma-se falar de personalidade, para se referir ao sujeito dos processos de conduta, dos distintos processos nos quais a conduta consiste e entre os quais está a aprendizagem. [...]. Na realidade, por personalidade há de entender-se um conjunto ou sistema muito mais amplo, no qual, desde logo, entram as características diferenciais, mas também outros processos do sujeito, e no qual, não menos certo, hão de incluir-se também as características de aptidões ou de capacidade, habitualmente agrupadas sob o rótulo de inteligência (FIERRO, 1996, p.154).

Considerando-se que desde o nascimento o comportamento do indivíduo é modelado pelo comportamento dos familiares mais próximos, especialmente dos pais, a relação familiar corresponde a um dos fatores que determina os processos de conduta da criança, que, por sua vez, pode influenciar na formação da personalidade.

Nesse sentido, entre os problemas decorrentes dessa relação está a dificuldade de aprendizagem que pode levar ao fracasso escolar. O fracasso escolar pode ocorrer em virtude de fatores externos e/ou internos ao indivíduo.

Dentre as situações externas mais arroladas, podemos citar as causas de ordem socioeconômica das famílias dos estudantes, acarretando a necessidade do trabalho infantil, e as causas de ordem sócio-institucional, que vão desde as condições da estrutura física da escola quanto às questões administrativas, salariais, pedagógicas passando também pela formação do professor. Dentre os fatores de ordem interna ao indivíduo, destacam-se os relacionados ao desenvolvimento cognitivo e os de ordem afetivo emocionais, motivacionais e de relacionamento (CARNEIRO, MARTINELLI e SISTO, 2003, p.427).

Os fatores internos ao indivíduo podem causar grande impacto sobre a vida escolar da criança, sendo esses os que estão diretamente ligados à

relação familiar e à formação da personalidade, podendo ser mais facilmente prevenidos do que os fatores de ordem externa.

Um dos fatores de ordem afetivo emocional importante de ser destacado é o autoconceito. Segundo Stevanato (2003), em geral, as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem experimentam sentimentos de inferioridade, insatisfação e ansiedade, apresentando assim um autoconceito negativo. O autoconceito vem sendo apontado como um dos influenciadores no quesito fracasso escolar devido a sua função dinâmica na personalidade do indivíduo e de seu papel como regulador dos estados afetivos e motivacionais do comportamento.

Fierro (1996) descreve o autoconceito como sendo reflexo das expectativas de auto-eficácia. Destaca ainda que se costumava afirmar que o autoconceito constituía um preditor do futuro escolar.

Stevanato (2003) e Carneiro, Martinelli e Sisto (2003) apresentaram conclusões semelhantes no que se refere à relação entre o autoconceito e às dificuldades de aprendizagem. Segundo os autores existe uma relação significativa entre as duas variáveis, ou seja, foi observado que crianças com dificuldades de aprendizagem apresentavam autoconceito negativo enquanto que as crianças com bom rendimento escolar obtiveram melhor resultado quanto ao autoconceito.

O contato com diferentes grupos sociais possibilita a construção do autoconceito do sujeito. A família e outras pessoas que convivem com a criança fazem parte de seu primeiro grupo social.

As pessoas que afetam o autoconceito que a criança desenvolve são, geralmente, os adultos importantes em sua vida, como os pais e professores que, na maioria, exercem algum controle sobre a criança e cujas opiniões têm influência sobre ela. Se a criança sofre experiências em que se afirma seu fracasso, provavelmente ela incorporará essa idéia em seu autoconceito, mesmo que não seja condizente com o real (CARNEIRO, MARTINELLI e SISTO, 2003, p.429).

Logo, se crianças vivem em ambientes familiares onde não são valorizadas, estimuladas e acompanhadas de perto pelos pais, seja quanto aos aspectos escolares ou cotidianos, elas podem, ao longo do tempo, adquirir algum sentimento de inferioridade com relação aos seus amigos ou a

crianças da mesma faixa etária e até, segundo Santo (2007), apresentar sinais de agressividade, depressão, fobias, entre outros danos que, se não analisados com cuidado, podem se agravar. Fonseca¹ (1995 apud SANTO, 2007), afirma que normalmente as crianças que apresentam um autoconceito negativo estão sujeitas a sentimentos de exclusão e abandono, entre outros.

A relação entre pais e filhos varia de família para família, de modo que, em cada caso, os pais assumem posturas diferentes. Entretanto, de um modo geral, Baumrind² (1971 apud MONTANDON, 2005, p.488) destaca três estilos de pais: o autoritário, que se caracteriza pelo grande controle e pouco apoio para a criança, que educam segundo regras indiscutíveis; o permissivo, que apresenta um controle fraco e um grande apoio, tendendo a aceitar os desejos das crianças; o democrático que ao mesmo tempo em que apóia seus filhos fixa-lhe regras a respeitar. Propõe ainda o quarto estilo, o não-envolvido caracterizado pela indiferença ou até mesmo negligência.

Moreno e Cubero (1995) partindo do mesmo pressuposto descrevem que, em geral:

- Filhos de pais autoritários tendem a ser obedientes, pouco agressivos, porém tímidos e pouco persistentes no que se refere à meta, baixa auto-estima e grande dependência. Apresentam-se pouco alegres e muito vulneráveis a tensões devido à falta de comunicação com seus pais;

- Filhos de pais permissivos tendem a ter problemas de controle de impulsos, dificuldades no momento de assumirem responsabilidades, são imaturos, com baixa auto-estima, porém são mais alegres e vivos que os anteriores;

- Filhos de pais democráticos tendem a ter níveis altos de autocontrole e auto-estima, melhor capacidade de enfrentar novas situações e

¹ FONSECA, V.. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995 apud SANTO, NILA MICHELE BASTOS. *Ensinar a aprender; aprender a ensinar: um olhar sobre as dificuldades de aprendizagem na sociedade contemporânea. Artigos científicos*, São Luiz. 2005. Disponível em: <http://www.faculdadesantafe.com.br/downloads/ensinar_a_aprender.doc> . Acesso em: 28 abr.2007.

² BAUMRIND, D.. Effects of authoritative parental control on child behavior. **Child Development**, Chicago, v.37, 1966 apud MONTANDON, CLÉOPÂTRE. *As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. Educação Social*, Campinas, v.26, n.91, maio./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a10v2691.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2007.

persistência em suas tarefas. Geralmente são interativos, independentes e carinhosos.

É importante salientar que, na sociedade em que vivemos, devido à grande competitividade que aumenta em todos os ramos da nossa vida, a cada dia aumenta a cobrança e a pressão sobre as crianças para que sejam bem sucedidas em tudo o que fazem. Por outro lado, essa mesma sociedade discrimina aqueles que estão fora dos padrões por ela estabelecidos. Os pais devem então, preparar seus filhos para enfrentarem essa realidade, não abominando o erro, mas preparando as crianças para os fracassos que possam vir a ocorrer.

Com isso, percebe-se que o tipo de relação que se estabelece entre a família e a criança pode influenciar diretamente na formação da personalidade da criança, o que pode refletir no seu comportamento em sala de aula.

As dificuldades de aprendizagem que algumas crianças apresentam em sala de aula podem ser relacionadas a problemas comportamentais. Sabemos que existem inúmeros alunos que não conseguem se manter em silêncio e comportados no decorrer da aula.

Atualmente, uma das principais reclamações dos professores é a indisciplina de seus alunos, que pode ser uma das causas da dificuldade de aprendizagem. Segundo Wielkiewicz³ (1995 apud GARCIA, 1999, p.104), algumas crianças aprendem a obter a atenção desejada em casa por meio da indisciplina e, essas mesmas crianças tendem a aplicar tais mecanismos na escola com condutas indisciplinadas.

Para Santo (2007), a ausência dos pais pode ser uma das causas da formação da indisciplina na criança, uma vez que, no intuito de compensarem essa ausência, os pais aderem ao consumismo, comprando tudo o que as crianças querem, permitindo também que elas durmam onde e quando quiserem.

Entretanto “eventos de indisciplina, mesmo envolvendo um sujeito único, costumam ter origem em um conjunto de causas diversas, e muito comumente reflete uma combinação complexa de causas” Garcia (1999, p.104).

É freqüente pais se queixarem que:

[...] seu filho é muito agitado, não pára quieto um minuto, não fixa atenção em qualquer tarefa, anda pela sala perturbando o irmãozinho, todos os brinquedos estão quebrados, não consegue aguardar a sua vez, quando vê televisão incomoda quem está ao lado, mexe-se o tempo todo, parece que não escuta o que não lhe interessa, mas está ligado em tudo ao redor; não avalia o perigo, não fica sentado quieto, não obedece a ordens, não sabe ouvir um não, atrapalha os colegas durante as aulas, seus trabalhos escolares são mal feitos e bagunçados, não gosta de estudar em casa, seu rendimento escolar é baixo. Por vezes, enfrenta e desafia os adultos (GENE, 2003, p.34).

Um dos motivos que pode levar a criança a apresentar esse comportamento é a síndrome de conduta relacionada ao transtorno do déficit de atenção/hiperatividade (TDA/H).

O TDA/H é um transtorno do desenvolvimento do tempo de atenção, hiperatividade e/ou impulsividade, assim como do comportamento, no qual esses déficits são significativamente inapropriados para a idade mental. O transtorno deve estar presente por pelo menos seis meses, comprometer o funcionamento escolar ou social e se manifestar antes dos sete anos (tem início na primeira infância, e geralmente é crônico ou persistente ao longo do tempo). Contudo, apesar de algumas crianças desenvolverem o transtorno em idade bem precoce, é muito difícil o diagnóstico antes dos seis anos, pois o comportamento nessa idade é muito variável e a atenção não é tão exigida como acontece com crianças mais velhas (THOMPSON, 2003, p.78).

Leite e Ferreira (2006) comentam que a etiologia do TDA/H não é específica, incluindo causas pré-natais, tais como: uso de álcool, perinatais com anoxia ou hemorragia intracraniana, pós-natais como seqüelas de doenças do início da infância, assim como fatores ambientais.

Outro aspecto a ser destacado é que a criança pode aprender a ser indisciplinada tanto em casa quanto na escola, estabelecendo-se um contínuo casa-escola

[...] que se observa particularmente entre alunos da educação infantil e das séries

³ WIELKIEWICZ, R. **Behavior management in the school**. Boston: Allyn & Bacon, 1995 apud GARCIA, JOE. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista paranaense de desenvolvimento**, Curitiba, n.95, jan./abr. 1999. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista_PR/95/joe.pdf>. Acesso em: 14 maio 2007.

iniciais do ensino fundamental. Existe um processo de realimentação, que acaba gerando uma espécie de “curto-circuito”, quando os estudantes vêm indisciplinados de casa e retornam da escola com determinadas condutas reforçadas. De fato, nestes dois ambientes a criança pode aprender indisciplinada, bem como receber reforço daquela aprendizagem (GARCIA, 1999, p.103)

Essas considerações sugerem que existem casos em que a indisciplinada e a falta de atenção podem apresentar causas biológicas, enquanto outras podem ser reflexos da sua vivência tanto em casa, como na escola.

Assim, as características que os alunos apresentam podem representar aspectos iniciados em casa, na vivência com a família. Wielkiewicz (1995 apud GARCIA, 1999, p.104) exemplifica essa afirmação dizendo que algumas crianças aprendem a obter a atenção desejada em casa por meio da indisciplinada e, essas mesmas crianças tendem a aplicar tais mecanismos na escola com condutas indisciplinadas. Com isso, é bem provável que crianças indisciplinadas em casa, que não aceitam as condições expostas pelos pais, também ajam de forma semelhante nas escolas com os professores.

É necessária a devida atenção, tanto dos pais, quanto dos professores e responsáveis pela educação nas escolas, para a indisciplinada e para as dificuldades de aprendizagem, a fim de que possam refletir, de forma consciente, acerca das causas desses problemas, para que, juntos, possam buscar possíveis soluções e, com isso, minimizá-los. Nesse sentido, torna-se fundamental a interação entre a família e a escola.

Afinal,

O que o conjunto da sociedade, em especial dos educadores, deseja é uma disciplina ativa e consciente, marcada pelo respeito, responsabilidade, construção do conhecimento, interação, participação, formação do caráter e da cidadania. E isto começa em casa, com os pais, que tem que transmitir o saber fazer à criança. Eles são os primeiros modelos (SANTO, 2007).

Cabe salientar que esse aspecto não deve ser visto como único, mas apenas um em uma gama de relações que podem ajudar a amenizar os problemas

de aprendizagem dos alunos nas escolas e na sociedade.

RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

Frente às dificuldades de aprendizagem, aumenta a necessidade de pesquisas e acompanhamento das crianças, especialmente em sala de aula, que busquem não só investigar suas causas, mas também alternativas viáveis para a redução ou mesmo solução dessas dificuldades.

Um aspecto importante a ser apresentado é a necessidade de uma maior interação entre a família e a escola. Entretanto, há algum tempo, segundo Corsino (2002) a presença dos pais na escola gerava certo desconforto, de maneira que qualquer solicitação poderia ser vista como invasão. Hoje, estamos observando uma maior participação dos pais nas escolas, de modo que, gradativamente essa relação pode ser considerada como uma ampliação tanto da família como da escola. Sendo assim, é necessário que:

Pais e mães estejam em sintonia com a vivência escolar e social de seus filhos e filhas, pois essa integração tende a enriquecer e facilitar o desempenho escolar da criança. Portanto, é necessário que se habituem a participar da vida escolar dos filhos e filhas. Para isso, uma alternativa viável seria a divisão de responsabilidades entre os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem (MORAES e KUDE, 2003).

Aquino (1998) comenta que a escola e os pais podem se articular de forma organizada, de modo que a família deve se responsabilizar pela ordenação da conduta do aluno e a escola pela ordenação do pensamento do aluno. Essa articulação pode levar os pais à compreensão do trabalho realizado pela escola, de forma a se “envolverem na medida de suas possibilidades – no processo educacional dos filhos, trabalhando de forma consoante com as necessidades educativas da vida e da participação no mundo atual” Trancredi e Reali (1999, p.5).

Os autores são unânimes em afirmar que o estreitamento da relação entre família e escola é um fator positivo para o desenvolvimento do processo educacional. Entretanto, há várias dificuldades a serem superadas, a fim de que se possa estabelecer uma relação qualitativamente mais positiva, de

modo a favorecer o desenvolvimento por parte dos alunos Trancredi e Reali (1999). Assim, estreitar essa relação implica em mudanças de atitudes tanto por parte dos pais como por parte dos professores.

Segundo Carvalho (2004), muitos professores entram em contato com os pais dos alunos somente quando esses apresentam dificuldades de aprendizagem ou de comportamento. Assim, é importante que os professores sempre mantenham contato com os pais dos alunos, que devem procurar participar mais ativamente da vida acadêmica de seus filhos, a fim de que possam contribuir tanto para o desenvolvimento escolar quanto para a detecção de possíveis dificuldades de aprendizagem, muitas vezes vistas pelos pais como responsabilidade da escola.

Segundo Santo (2007), exigir que a escola resolva os problemas relacionados às dificuldades de aprendizagem é tornar o assunto demasiadamente simples. No entanto, essa não é a realidade, pois, como já vimos anteriormente, o tema é bastante amplo, envolvendo diversas variáveis.

Entretanto, o envolvimento da família na educação escolar dos filhos

[...] pode significar, para a escola, que ela tenha que conhecer melhor os pais dos alunos e realizar um trabalho conjunto com eles para criar, entre outras coisas, uma atmosfera que fortaleça o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças nesses dois ambientes socializadores. Entretanto é possível que isso represente, para alguns professores, uma “ameaça” à sua profissionalidade, pois poderiam sentir que estão sendo destituídos de sua competência e de seu papel de ensinar (TRANCREDI e REALI, 1999, p.4).

Corsino (2002) comenta que é função dos gestores promoverem a aproximação entre família e escola por meio de planejamento e uma educação construída no coletivo. Assim, as reações adversas dos professores frente ao estreitamento das relações entre pais e escola podem ser previstas e evitadas.

Além disso, é necessário destacar que, quando o assunto é o diagnóstico ou a assistência às crianças com dificuldades de aprendizagem, a relação entre os pais e a escola é importante, mas pode não ser o suficiente para resolver o problema. Com isso, pode ser necessário recorrer à ajuda de profissionais qualificados, tais como psicopedagogos e

psicólogos, no sentido de buscar soluções para essas dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta pesquisa bibliográfica foi verificar os impactos da relação familiar no aprendizado das crianças.

Com base no estudo realizado foi possível verificar que a criança, desde o nascimento, sofre a ação consciente ou não da família na formação de sua personalidade, de maneira que as atitudes dos pais para com os seus filhos podem propiciar um ambiente familiar que podem causar um impacto negativo na formação do autoconceito dos futuros alunos.

Pode-se prever então que, uma criança com autoconceito negativo, poderá enfrentar dificuldades de aprendizagem por acreditar que não é capaz de realizar uma atividade, aprender algum conceito, ou mesmo por se sentir menos capaz que os seus amigos ou colegas de classe. Um trabalho no sentido de melhorar o autoconceito da criança é importante quando estamos atuando junto a crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Sendo a família o primeiro grupo social que a criança tem contato, podemos dizer que é nos pais ou nas pessoas mais próximas que as crianças se espelham no decorrer dos anos. Sendo assim, as características individuais dos pais, como por exemplo, a permissividade ou o autoritarismo, também são vistas como determinantes na formação da personalidade das crianças. Conforme verificado anteriormente, os pais democráticos, ou seja, aqueles que conseguem dosar o autoritarismo e a permissividade são os que imprimem a seus filhos uma personalidade mais equilibrada e adequada.

É importante lembrar que, na sociedade atual, as mulheres cada vez mais tendem a adentrar ao mercado de trabalho para complementar o orçamento doméstico e, dessa forma, o tempo destinado ao lazer e ao cultivo das relações entre pais e filhos está gradativamente se reduzindo. Embora esse tempo tenha sido reduzido, é possível aos pais superarem essa dificuldade, assumindo a responsabilidade pela formação dos seus filhos, ao invés de transferir essa responsabilidade para a escola. Nesse sentido, acredita-se que uma postura condizente com a de pais democráticos, que prezam a qualidade da relação com os seus filhos pautada no diálogo, pode viabilizar a formação do caráter e da cidadania.

É importante que os pais estejam atentos, a fim de que possam perceber dificuldades de aprendizagem por parte de seus filhos, o que pode ser possível por meio de observações ao compararem, por exemplo, o comportamento dos seus filhos com o de outras crianças da mesma idade. Isso não ocorrendo, é na escola que essas dificuldades serão evidenciadas. O estreitamento da relação entre a família e a escola pode facilitar o diagnóstico e tratamento dos fatores responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem.

A relação família-escola é vista, de um modo geral, como benéfica a todo o processo educacional, especialmente na busca pela redução, ou mesmo extinção das dificuldades de aprendizagem. Atualmente essa relação tomou uma dimensão considerável, de modo que a presença dos pais, tanto física, quanto por meio de opiniões e críticas, aumenta a cada dia, sendo esse tema, alvo de debates e pesquisas.

Considerando-se que a educação é um processo social, é importante destacar que, mesmo a criança vivendo em um ambiente familiar tido como mais estável, não é garantido que ela não apresente futuramente alguma dificuldade de aprendizagem, pois, além da família, não podemos descartar a influência da sociedade, dos amigos, da própria escola, entre outras. Da mesma forma, alguém que enfrenta problemas de aprendizagem pode, por meio do contato com outros grupos sociais, reverter esse quadro.

Finalmente, podemos concluir que são muitas as variáveis envolvidas no desenvolvimento das dificuldades de aprendizagem, sendo o assunto bem mais amplo do que o apresentado, o que torna o estudo muito complexo. Entretanto, acreditamos que, a partir do momento em que os pais tomarem conhecimento de que as suas atitudes e a forma com que se relacionam com seus filhos podem repercutir no desempenho e em vários aspectos da vida da criança, até escolar, os problemas relativos à aprendizagem poderão ser minimizados.

Para tal, é necessário que a escola propicie aos pais oportunidades para que possam vir a se conscientizar da sua importância relativa ao processo de aprendizagem de seus filhos. Isso pode ocorrer por meio de palestras e cursos, disponibilizados nas próprias escolas, a fim de que os pais possam ter condições de corrigirem ações e/ou buscarem ajuda junto aos professores e profissionais qualificados, no sentido de buscarem soluções para eventuais problemas que não estejam ao alcance deles.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, 1998, v.24, n.2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 maio 2007.
- CARNEIRO, Gabriela Raeder da Silva; SISTO, Fermino Fernandes. F.; MARTINELLI, Selma de Cássia. Autoconceito e dificuldades de aprendizagem na escrita. **Psicologia: reflexões e crítica**, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a02.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2007.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Modos de educação, gênero e relações escola-família. **Caderno de Pesquisa**, 2004, v.34, n.121, p.41-58. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000100003&lng=en&nrm=iso&tling=pt>. Acesso em: 28 maio 2007.
- CIASCA, Sylvia Maria. Distúrbios de aprendizagem: uma questão de nomenclatura. In: SEMINÁRIO: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM – COMPREENDER PARA MELHOR EDUCAR, 1. Rio de Janeiro. **Dificuldades de aprendizagem...** Rio de Janeiro: Sinpro-rio, 2003. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br>>. Acesso em: 6 maio 2007.
- CORSINO, Patricia. Relação família e escola na educação infantil: algumas reflexões. **Boletim**, 2002. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/pef/pefimp.htm>>. Acesso em: 14 maio 2007.
- FIERRO, Alfredo. Personalidade e aprendizagem no contexto escolar. In: COLL, Cesar; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro (Orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre, 1996. Cap.10, p.154-160.
- GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista paranaense de desenvolvimento**, Curitiba, n.95, jan./abr. 1999. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br>>. Acesso em: dia/mês/ano.
- GENES, Milton. TDA/H – Transtorno de Déficit de Atenção com e sem Hiperatividade. In: SEMINÁRIO: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM – COMPREENDER PARA MELHOR EDUCAR, 1., 2003, Rio de Janeiro. **Dificuldades de aprendizagem...** Rio de Janeiro: Sinpro-rio, 2003. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br>>. Acesso em: 6 maio 2007.
- LEITE, Neiva Terezinha Chaves; FERREIRA, Josiane Peres. Hiperatividade X indisciplina: contribuições para o cotidiano escolar. **PsicopedagogiaOnline**, jun.2006. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=847>>. Acesso em: 06 maio 2007.
- MEHLECKE, Querte. As teorias de aprendizagem e os recursos da internet auxiliando o professor na construção do conhecimento. **Biblioteca digital**, 2000. Disponível em: <http://www.uel.br/seed/nite/as_teorias_de_aprendizagem_e_a_internet.htm>. Acesso em: 08 abr. 2007.
- MONTANDON, Cléopâtre. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. **Educação Social**, Campinas, v.26, n.91, maio/ago.2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 07 abr. 2007.

- MORAES, Rosária Lanzotti; KUDE, Vera Maria Moreira. A importância da parceria entre a escola e a família no ensino fundamental. In: CONSTRUINDO A IDENTIDADE LATINO-AMERICANA, 2003, Porto Alegre. **Construindo a identidade latino-americana...** Porto Alegre: Centro de eventos da PUCRS, 2003.
- MORENO, María del Carmen; CUBERO, Rosario. **Relações sociais nos anos pré-escolares**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- MOURA, Manoel Oriosvaldo de; MORETTI, Vanessa Dias. Investigando a aprendizagem do conceito de função a partir do conhecimento prévio e das interações sociais. **Revista Ciência & Educação**, v.9, n.1, p.67-82, 2003. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/det.asp?cod=58965&type=P>>. Acesso em: 15 maio 2007.
- ORSI, Maria Julia Scicchitano. Reflexos da contemporaneidade na aprendizagem escolar. In: ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOPEDAGOGIA, 1., 2003. **Anais eletrônicos...** 2003. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/abppprnorte/pdf/a08Orsi03.pdf>> . Acesso em: 19 maio 2007.
- SANTO, Joana Maria Rodrigues Di. Interações família-escola. **Artigos**. 2007. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/infamesco.htm>>. Acesso em: 27 maio 2007.
- STEVANATO, Indira Siqueira. Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.8, n.1, p.67-76, jan./junh.2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n1/v8n1a09.pdf>>. Acesso em: 28 abr.2007.
- THOMPSON, Rita. Refletindo Sobre a Educação Inclusiva no Transtorno do Déficit de atenção e Hiperatividade. In: SEMINÁRIO: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM – COMPREENDER PARA MELHOR EDUCAR, 1., 2003, Rio de Janeiro. **Dificuldades de aprendizagem...** Rio de Janeiro: Sinpro-rio, 2003. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br>>. Acesso em: 6 maio 2007.
- TRANCREDI, Regina Maria Simões Puccinelli; REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues. Visões dos professores sobre as famílias de seus alunos: um estudo na área de educação infantil. **Publicações**, 1999. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/tregalin.PDF>>. Acesso em: 30 maio 2007.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Recebido: 23/03/2009

Aceito: 01/05/2009

Endereço para correspondência: Alice Assis. Av. Dr. Ariberto Pereira da Cunha 333, CEP 12516-410, Guaratinguetá-SP.
E-mail: alice@feg.unesp.br